

O “SANGRAMENTO” DA AMÉRICA LATINA: DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA AOS DIAS ATUAIS*

Reginaldo José de SOUZA**

Linha de pesquisa: Dinâmica e Gestão Ambiental

Nível: Mestrado

O olhar sobre as figuras apresentadas nos remete a uma revisão do processo histórico que conduziu à acumulação primitiva de capital e esta, por sua vez, à Revolução Industrial que moldaria/moldou a sociedade. E esta retrospectiva é passível de realização por meio da abordagem interdisciplinar entre as linhas de pesquisa referentes à dinâmica e gestão ambiental e produção do espaço urbano.

É relativamente impossível compreender a história da América Latina sem que nos voltemos à própria história da Europa. Pois bem, vamos expor alguns pontos importantes para esta análise. Segundo Maria Encarnação B. Spósito, em seu “Capitalismo e Urbanização”, há um certo reavivamento/renascimento das cidades européias após a retomada do comércio cristão no Mediterrâneo durante os séculos X e XI. Tais relações comerciais é que levariam ao estabelecimento de maior dinamicidade em cidades européias por conta do surgimento das corporações artesanais. No transcorrer do tempo, o mercado apresentou maior demanda e, então, a manufatura vem de encontro a estas necessidades de elevação da quantidade de mercadorias.

Entrava em cena a classe dos comerciantes, ou burgueses – uma vez que as comercializações eram feitas no domínio dos burgos. Foi, sobretudo, a partir dos séculos XV e XVI que esta nova classe acabou por estabelecer alianças com a realeza e promoveram, em conjunto, a atuação das empresas de navegação no intuito de fixar novas parcelas a seus respectivos mercados consumidores, por via da colonização do que era considerado como “novo mundo”. O “ponta-pé” inicial da relação desigual entre Europa e América Latina foi dado neste momento.

A prioridade foi a obtenção de matérias-primas baratas das colônias pelas metrópoles para que fossem transformadas na manufatura européia. Este é o período da acumulação primitiva de capital do “velho continente” que enquanto arquitetava seus belos palácios e vestia seus nobres em finos linhos, dizimava populações indígenas nas colônias e seqüestrava – em definitivo – os escravos africanos.

Neste contexto, as colônias assistiram de longe ao espetáculo da industrialização inglesa que não tardaria a se disseminar para outros pontos da Europa e contribuir sobremaneira à exploração dos recursos naturais provenientes das colônias.

E o contexto científico foi de fundamental importância para estes acontecimentos. Copérnico, no século XVI retira a Terra do centro do universo e abre espaço à especulação dos dogmas religiosos preexistentes. Posteriormente, René Descartes escreve a expressão *cogito ergo sum* e Isaac Newton põe o ponto final. E o homem toma a posição central nesta nova concepção e a natureza se torna mecânica pura.

Já que o mundo é todo mecânico, então, seus objetos têm propriedades de deslocamento e, uma vez realizando movimento, também podem realizar trabalho e ter sua utilidade. Logo, enquanto mera *res extensa* a natureza deve ser dominada para que seja compreendida e subserviente ao progresso da humanidade.

E as colônias onde estiveram? Ainda aqui e um pouco mais à frente, ali do outro lado do Atlântico, depois daquelas regiões costeiras que se desencaixaram das nossas após a deriva dos continentes. E ainda estamos aqui por mais que a visão ocidental/instrumental de natureza já tenha dizimado boa parte de nossos recursos naturais.

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2007.

** Contato: reginaldogeo@hotmail.com.

A Revolução Industrial transformou a relação do homem com o meio natural e também a relação entre os próprios homens. No anseio do lucro, a indústria configura/re-configura uma cidade de acordo com as melhores estratégias de logística na obtenção de matérias-primas e escoamento de mercadorias. E tais matérias-primas, transformadas em mercadorias, sustentam o movimento do capitalismo. Justamente por conta disso é que os detentores dos meios de produção não tiveram – talvez, a maioria ainda não tenha – o mínimo de bom senso a respeito do quão importante é não acabar com tudo pelo simples fato deste “tudo” parecer ser infinito.

Nem os próprios seres humanos escapam a tal exploração. Não estamos todos no centro do universo. Não pertencemos todos ao conjunto dos atores hegemônicos. Já que é assim, para alguns muitos sobreviverem, a única opção é a venda da própria força de trabalho: sem capital, mas, com propriedades mecânicas – até para isso a física cartesiana/newtoniana foi importante! Mas, geralmente a força de trabalho do homem descapitalizado e sem diplomas acadêmicos é mal remunerada. Portanto, sendo ele mais uma fonte de ganhos financeiros para os capitalistas.

Capitalistas estes que dominam a grande massa através de sistemas ideológicos que são de fundamental importância para a manutenção do estado de coisas, ou seja, exploração humana e de recursos naturais. O empresariado subtrai matéria da natureza e ela responde de maneira silenciosa, mas, bastante ativa: pragas, tempestades, furacões, efeito estufa etc. E quando é o trabalho humano a fonte da exploração, a sociedade responde através de uma não-ação que leva a formação dos aglomerados de exclusão social no ambiente urbano.

O que se tenta explicitar é que a nossa história conduziu a uma (des)organização da sociedade e das relações entre seus indivíduos que promovem a exclusão e, inclusive, sua materialização no espaço – ou sua espacialização. Tanto no âmbito de uma cidade, quanto de uma região, de um país e do mundo todo.

Estamos aqui em uma condição de periferia do sistema-mundo. A nossa urbanização, ou melhor, a urbanização da América Latina é tardia. Isso quando se diz respeito a uma urbanização configurada de acordo com os interesses da indústria, obviamente.

Geralmente apresentamos em nossas maiores cidades um aparato industrial proveniente do centro do sistema e que aqui se localiza justamente por encontrar recursos, mão-de-obra e mercado consumidor a sua disposição de maneira mais facilitada.

A caça ao tesouro a que se refere a figura se iniciou há cinco séculos atrás e atualmente sobrevive através de novos métodos que condizem ao conjunto de técnicas atuais. É uma verdadeira caça técnica-científica-informacional, para fazer uso do termo de Milton Santos.

Ainda pensando na proposta de Milton Santos, podemos atribuir, ainda, à presença nas cidades latino-americanas de um aparato técnico e de ações que vêm de fora das decisões institucionais de seus respectivos países para atender aos objetivos externos/internacionais.

E a predominância desta “racionalidade” hegemônica contribui ainda mais para a degradação, não diria apenas social ou ambiental, mas, socioambiental do que ainda continua sendo, na realidade, colônia dos países ricos do norte.

Não poderíamos deixar de citar, com relação à figura, a presença de símbolos da natureza sobre a região ao norte do Brasil e países vizinhos: a Amazônia, que na esteira da ordem econômica mundial, desde sua ocupação a partir do século XVII até os dias atuais, é vislumbrada como imensa área a ser incorporada economicamente pelas empresas nacionais e internacionais.

O que deu início a sua ocupação foram as construções de fortificações militares pelos portugueses no intuito de proteger o território da invasão dos espanhóis nos países vizinhos durante o século XVII e XVIII. A partir de 1830-40, foi a produção de látex que ganhou força diante da descoberta do processo de vulcanização da borracha pelo norte-americano Goodyear. Um ciclo que durou até o início do século XX e atraiu uma grande leva de migrantes para a região; após o seu declínio, foi retomado no início da década de 1940 para atender às demandas da guerra na Europa.

Após 1960-70 é a fronteira agrícola, tendo a produção de grãos suma importância, que foi gradualmente incorporando e desmatando grandes áreas de floresta. A soja foi, ainda é, um dos principais produtos provenientes deste recente avanço da fronteira agrícola de acordo com os

interesses capitalistas de atores nacionais inexoravelmente conectados aos atores hegemônicos internacionais.

Como todo processo de apropriação capitalista de uma determinada área gera conflitos e contradições, neste caso não poderia ser diferente. A mecanização da grande propriedade agrícola expulsou populações indígenas e tradicionais de suas respectivas áreas de origem, fazendo com que muitas vezes contribuíssem para a composição das áreas de exclusão socioeconômica das novas cidades nos rebordos da fronteira agrícola em estados como Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Acre, Pará...

O que tentamos demonstrar é que, de repente, possa até mesmo ser questionável a simbologia dos ícones referentes à área onde se localiza a Amazônia. Até que ponto aquela região apresenta uma natureza verdadeiramente natural, uma vez que já faz parte de interesses econômicos externos a ela?

Neste instante é que o nosso olhar se volta para a fotografia da obra de Oscar Niemeyer em São Paulo. Aquela cor vermelho-sangue nos remete a todo processo de exploração e degradação socioambiental pelo qual os países da América Latina passaram e ainda passam. É o sangue que eclodia da carne de índios e que agora brota do furo de balas de revólver na cabeça de uma criança que desce o morro a caminho da escola. Ou, então, o sangue de morte da lágrima de uma mãe que sai do trabalho e não chega em casa, porque a casa foi soterrada com o deslizamento encosta. Porque seu filho estava dentro dela. Porque teve que morar na área de risco, pois, o terreno ou aluguel estava muito caro em outro local. E, o que deveria ser algo mecânico simplesmente natural, torna-se catástrofe e mesmo assim há relutância em conceber homem e natureza como partes de um mesmo processo de constituição de diferenças - conforme salienta Carlos W. Porto Gonçalves – e promover ações/decisões/atitudes capazes de iniciar um verdadeiro processo de dizimação. Uma dizimação dos problemas que afetam o planeta e a maior parte da população que sofre com eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo, Ed. Ática, 1997.

_____. **Amazônia: Geopolítica na Virada do III Milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BERTRAND, G. ; BERTRAND, Claude. **Uma Geografia Transversal e de Travessias (O meio ambiente através dos territórios e das temporalidades)**. Organizador: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: A Ciência a Sociedade e a Cultura Emergente**. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter P. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Amazônia, Amazôniaas**. São Paulo: Contexto, 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. 35ªed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Por Uma Outra Globalização**. São Paulo: Record, 2000.

SPOSITO, Maria E. Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.